

FATOS E NOTAS

A NOVELA DE CAVALARIA PORTUGUÊSA. (Acheva bibliográfica).

Já constitui lugar comum dizer que a Idade Média portuguesa conheceu intimamente a matéria arturiana, expressa na “Demanda do Santo Graal”, “Arimatéia”, “Merlim” e “Amadis de Gaula”. Pelo menos são essas as notícias que possuímos. Se se conheceram outras novelas — e não seria de estranhar — apenas poderemos fazer conjecturas à vista do rico material novelístico que àquela altura a França mandava além fronteiras e pelos vestígios encontrados na literatura medieval portuguesa.

O mesmo não acontece com o século XVI, indiscutivelmente a grande época da cavalaria portuguesa, pelo menos por causa da nacionalização do gênero e das várias novelas aparecidas, contendo expresso o nome do autor e qualquer dose da realidade física ou histórica de Portugal. Ora, foi justamente esse um dos motivos que nos levaram a Portugal em fins de dezembro de 1952, onde permanecemos até março do ano seguinte. Daqui levávamos, por informações do prof. Antônio Soares Amora, e por referências colhidas nas obras dos profs. Fidelino de Figueiredo (*História da Literatura Clássica*, vol. II) e Joaquim de Carvalho (*Livros de D. Manuel II*), a certeza de que lá encontraríamos novelas de cavalaria inéditas. Lá chegando, pusemo-nos a investigar nos principais centros bibliográficos do país, notadamente Lisboa, Coimbra, Pôrto, Braga, Évora, Vila Viçosa, os respectivos reservados. Verdade seja dita, não tivemos vagar suficiente para realizar um trabalho menos imperfeito, tanta era a carga de manuscritos a compulsar, a comparar e a caracterizar com minúcias geralmente ausentes do catálogo, sintético por necessidade natural, e tão escasso era o tempo de que dispúnhamos.

Por isso mesmo, a acheva bibliográfica, que ora apresentamos, está longe de esgotar tudo quanto, no setor restrito da Cavalaria, se poderá encontrar nas bibliotecas visitadas e noutras, particulares algumas, cujo patrimônio infelizmente permanece desconhecido para nós. Daí o caráter provisório desta nota bibliográfica, que só o tempo poderá completar. Apesar disso, ao trazê-la a público, anima-nos a esperança de contribuir para o conhecimento melhor da matéria cavaleiresca portuguesa.

Das bibliotecas visitadas as mais ricas em novelas de cavalaria inéditas são as de Lisboa (Biblioteca Nacional e Tôrre do Tombo) e a de Coimbra (Biblioteca da Universidade). Nelas é que o mais importante foi localizado. As outras apenas contribuíram com mais exemplares de uma ou outra novela, e com uma original. De qualquer forma, procuramos dar, com certa minúcia, a relação de tais obras e os sítios em que se encontram.

Pois foi justamente na Biblioteca Nacional de Lisboa que deparamos com o primeiro problema, ao compulsar a novela intitulada *Vida de Primaleão, Emperador de Constantinopla, e de outros Príncipes daquelle tempo /primeira parte/*. O manuscrito, registrado sob a cota 483 (B, 6, 35), apresenta 80 capítulos e, no fim do texto, uma data — 30 de junho de 1449 —, possivelmente falsa ou imaginada pelo copista do século XVII. Até aqui nada de novo. Entretanto, uma nota, apensa ao códice, diz expressamente: “Segue-se a segunda parte: *Cronica de D. Duardos*”. Consultamos outra cópia (cota 658 /B, 10, 45/) e encontramos a seguinte advertência: “He a continuação do *Palmeirim de Inglaterra*, em 2 vols. (Primaleão e D. Duardos)”. Seria o seu autor Francisco de Moraes? Não era possível, sem o exame atento dos manuscritos, e das continuações impressas do *Palmeirim*, qualquer conjectura. Fomos à busca de outros exemplares do Primaleão, e encontramos três (cota 620 /B, 10, 7/; 619 /B, 10, 6/; 6828). Os dois últimos estão igualmente intitulados “*Chronica do invicto dom Duardos de Bretanha, Príncipe de Inglaterra...*”, o que faria crer-se tratasse de outra novela, considerada segunda parte do Primaleão. O exame do texto, embora sumário revelou identidade entre êsses manuscritos e os três restantes, a despeito da pequena variação no número dos capítulos (76 ou 80). Restava investigar a continuação, considerada como *Crônica de D. Duardos*.

Quanto a êsse manuscrito, localizamos dois exemplares (cota 659 /B, 10, 46/; 6829). Êste último é a continuação do códice 6828, falsamente denominado de D. Duardos, como vimos, porquanto se refere, ao que parece, ao cavaleiro Primaleão. São iguais inclusive no número de capítulos (86). Essa segunda parte termina prometendo a continuação, como era costume fazer. Além disso, o título é todo êle imaginoso, e falso, como também acontecia normalmente: *Segunda parte da Cronica do Príncipe D. Duardos, composta por Henrique Frusto e tresladada por Gomes Eanes de Zurara/ Autores da primeira parte*. E' mais do que sabido que ambos os nomes constituíam mistificação, o primeiro por inventado, o segundo por Gomes Eanes de Zurara não ter sido o tradutor.

Mas, e as prometidas 3a. e 4a. partes? A busca permitiu revelar, pelo menos, a terceira (cota 6830). E' um manuscrito de 35 capítulos. O título, em tudo igual ao manuscrito anterior, mudou apenas na referência à 3a. parte, tendo-se acrescentado a notícia de que Zurara seria o autor da 1a. e da 2a. parte. O epílogo, suspensivo, permite e parece prometer continuação, que não veio, ou se perdeu, ou desconhecemos.

Esquematizando, teríamos três códices com as seguintes denominações: 1 — *Crônica de Primaleão*; 2 — *Crônica de D. Duardos (I)*; 3 — *Crônica de D. Duardos (II)*.

Estava assim resolvido, a nosso entender, o problema da ligação entre esses manuscritos, não obstante permanecer em pé a questão acêra do seu grau de parentesco com o *Palmeirim de Inglaterra*. E' possível até que o seu autor seja o próprio Francisco de Moraes, e êsse é outro ponto a investigar.

Na Torre do Tombo prosseguimos as nossas pesquisas, tendo encontrado, inicialmente um Primaleão: *Primeira parte da vida de Primaleão, emperador de Constantinopla e de outros principes daquelle tempo* (cota 1773, 1a. parte), que corresponde em tudo aos manuscritos 483, 619, 620, 658, 6828 da Biblioteca Nacional.

Quanto a D. Duardos (I), encontramos duas cópias (cotas 410 e 1201), sendo que a segunda traz o título *Cronica de Primaleão, Imperador de Grecia, segunda parte*. Na portada ainda se lê que foi composta por Guilherme Fristo e trasladada por Sinisberto Pachorro. Mistificação ainda. O exame de texto evidenciou identidade entre tais manuscritos.

Restava encontrar a terceira parte — *D. Duardos (II)*. Com efeito lá estão os manuscritos de cota 1773, 2a. parte e 1202, contendo 35 capítulos, e iguais ao de cota 6830, da Biblioteca Nacional. Encontravam-se, dêsse modo, as três partes da novela.

Tal clareza esteve em perigo de sombrear-se quando, no Palácio dos Duques de Bragança, em Vila Viçosa, pudemos tomar contacto com a riquíssima biblioteca do Rei D. Manuel II, último representante da dinastia bragantina a subir ao trono. O catálogo, preparado pelo Prof. Joaquim de Carvalho, referia um manuscrito intitulado *Diogo Fernandes, Historia de Dom Duardos*. Examinamos o códice: a referência ao autor vem a lápis, quem sabe da mão de D. Manuel II; não traz portada; as folhas não estão numeradas; são, ao todo, 86 capítulos. Ora, o número de capítulos e a maneira como principia o primeiro: "Bem vejo que tem rezam os curiosos, de me pedirem estreita conta de D. Duardos, porque sendo esta historia propriamente sua e sendo elle tal pes-

soa...”, pareciam evidenciar o parentesco, mas a indicação do autor perturbava.

O *Palmeirim* (3a. e 4a. parte), de autoria de Diogo Fernandes, conheciamo-lo da Biblioteca Nacional (“*Terceira e Quarta partes da Cronica de Palmeirim de Inglaterra, na qual se tratam as grandes cavalarias de seu filho o Principe Don Duardos segundo e dos mais principes...*”). Examinamos, primeiramente, a edição de 1587: a terceira parte contém 86 capítulos (!), a quarta, 46. Ato contínuo, fomos à edição de 1604: terceira parte: 95 capítulos, quarta parte: 46. A diferença de capítulos não tem importância, pois o próprio autor terá feito a refundição. Mas a terceira parte da edição de 1587, com os seus 86 capítulos, fazia crer que os manuscritos relacionados como D. Duardos (I) se tratassem de cópias, talvez anteriores, da obra de Diogo Fernandes. Mas, se assim fôsse, haveria identidade entre D. Duardos (II) e a quarta parte da obra de Diogo Fernandes? Mais ainda: como explicar, nesse caso, os 80 capítulos da *Crônica de Primaleão*? Que posição ocupam dentro do ciclo dos Palmeirins? Infelizmente não se pôde fazer o cotêjo minucioso a fim de aquilatar o grau de parentesco. Parecia, porém, legítimo admitir que o *Dom Duardos* de Vila Viçosa seria outra cópia do *D. Duardos (I)*, deixando para o futuro dirimir a questão. Por ora valia a pena fixar a semelhança nítida entre aquele grupo de novelas e essa outra, a correr como de Diogo Fernandes, hipótese ainda possível.

E as demais novelas? De antemão sabíamos existir em Vila Viçosa uma *Chronica dos Imperadores da Grecia D. Belindo e Beliandra*, em quatro volumes, de autoria da Condessa da Vidigueira. Investigando em Lisboa, encontramos o seguinte: na Biblioteca Nacional, com as habituais variações do título, manuscritos 343 a 346 (B, 3, 19-22), 6484 (I, 5, 61), 8385 (Y, 6, 4), 8871 e 9807. Os quatro últimos são idênticos e correspondem às duas primeiras partes da *Cronica de D. Beliandro* ou *D. Belindo de Grecia*. Embora o códice 344 interrompa a segunda parte da novela, e inicie a terceira e quarta parte dos códices seguintes, a colação permitiu verificar identidade também entre os manuscritos de cota 343 e 344 e os outros. Portanto, tratava-se de uma novela em quatro volumes ou em quatro partes, de autoria de D. Leonor Coutinho, Condessa de Vidigueira, como está referido, entre outras coisas, no ante-rostro do códice 8385. Na Biblioteca Nacional há o manuscrito 6037, truncado (contém os capítulos 26 a 48 da 2a. parte).

Na Torre do Tombo encontramos outros exemplares de tal novela, ainda que desencontrados ou truncados: códices 1761 a

1763, considerada a 2a. parte da crônica; o manuscrito 1761 contém, realmente, o livro I e II da 2a. parte; interrompe-se a narrativa, e o códice seguinte, 1762, contém o livro I da 3a. parte; o códice 1763 traz o livro III da 2a. parte; o manuscrito 1200 corresponde à 1a. parte; o manuscrito 1875 contém as duas primeiras partes.

Na Biblioteca da Academia das Ciências de Lisboa encontra-se o códice, 24, correspondente à primeira parte da *Chronica do Imperador Beliandro*.

Na Biblioteca Pública do Pôrto encontramos o seguinte: manuscrito 42 (n.º de ordem 731) correspondente à primeira parte da crônica de D. Leonor de Coutinho, em que pese a nota de rodapé conduzindo o leitor à 5a. parte do *Palmeirim*; promete 2a. parte, que deve ser, no caso, o códice 23 (n.º de ordem 731 a), igual à segunda da outra novela; manuscrito 548 (n.º de ordem 704/25/), que deve corresponder à primeira parte da *Cronica de D. Beliandro*, embora haja desproporção de capítulos (75 no manuscrito 548 e 41 na outro).

Na Biblioteca Pública de Braga encontram-se os códices Res. 837/838, que correspondem às quatro partes da *Crônica de D. Beliandro*. Não pudemos examinar a obra, mas as indicações do catálogo fazem acreditar que esteja completa.

Chegava-se ao fim da pesquisa. Na Biblioteca da Universidade de Coimbra tivemos a satisfação de manusear um manuscrito que talvez não tivesse sido apontado antes, salvo no catálogo que a mesma instituição vem publicando. Trata-se da *Cronica do Principe Agesilao; e da raynha Sydonia: onde se trata das suas cavalarias andantes; descobrimos e costumes de varios povos incultos e encantamentos onde se colhem m.tos exemplos favolosos (sic) utilisimos à Poesia...*; e a *Comica para divertimento dos curiosos, que querem divertir suas paixões no amor proprio da virtude, e fugir dos vicios*. Está registrado sob o n.º 123, tem 170 capítulos, de caligrafia difícil, além de o copista ter aproveitado mesquinamente tôdas as margens do papel.

Diante disso, pode-se fazer um levantamento dessas novelas de cavalaria portuguesa manuscritas e inéditas:

FRANCISCO DE MORAIS (?) —

Crônica de Primaleão

Biblioteca Nacional de Lisboa: códices 483, 619, 620, 658, 6828.

Tôrre do Tombo: cód. 1773, 1a. parte.

Crônica de D. Duardos (I)

Biblioteca Nacional de Lisboa: códices 659, 6829.

Torre do Tombo: códices 410, 1201.

Biblioteca do Paço Ducal de Vila Viçosa: (seção de reservados).

Crônica de D. Duardos (II)

Biblioteca Nacional de Lisboa: código 6830.

Torre do Tombo: códices 1202, 1773, 2a. parte.

D. LEONOR COUTINHO — Condessa de Vidigueira.

Crônica de D. Beliandro (4 partes)

Biblioteca Nacional de Lisboa: códices 343 a 346 (B, 3, 19-22) (quatro partes); 6037 (2a. parte); 6484 (I, 5, 61); 8385 (Y, 6, 4); 8871; 9807 (1a., 2a. partes).

Torre do Tombo: códices 875 (1a., 2a. partes); 1200 (1a. parte); 1761 a 1763 (2a. parte).

Biblioteca da Academia das Ciências (Lisboa): código 24 (1a. parte).

Biblioteca Pública do Pôrto: código 42 (n.º de ordem 731); (1a. parte); 23 (n.º de ordem 731 a) (2a. parte); 548 (n.º de ordem 704 /25/) (1a. parte).

Biblioteca Pública de Braga: códices Res. 837/838 (quatro partes).

CRÔNICA DO PRÍNCIPE AGESILAU E DA PRINCESA SIDÔNIA.

Biblioteca da Universidade de Coimbra: código 123.

MASSAUD MOISÉS

Auxiliar de ensino da cadeira de Literatura Portuguesa da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo.